

VIDAS ÍNTIMAS

Noël Coward

Duração 1h30m

Tocar piano e falar francês

Quando Noël Coward escreveu “Vidas Íntimas”, fê-lo de rompante – em apenas três dias construiu aquela que viria a ser uma das suas obras teatrais mais conhecidas e que nunca mais deixou os palcos em todo o mundo. Coward, oriundo de uma família da classe trabalhadora (o pai era um vendedor de pianos de modesto sucesso e com pouca ambição pessoal), demonstrou desde cedo uma inteligência invulgar e um grande interesse pelas artes. Encorajado pela mãe, iniciou aos 10 anos a formação em dança e, pouco mais tarde, entrou no mundo do teatro. A sua ascensão foi sustentada pelo talento e por uma enorme capacidade de trabalho, o que o levou a uma carreira prolífica como encenador, compositor, cantor e autor de mais de cinquenta peças de teatro, cenas de revista, canções, argumentos de filmes e contos. Foi uma verdadeira celebridade antes das celebridades – amigo da rainha-mãe e presença constante em eventos da alta sociedade, teve acesso a um mundo que lhe era estranho e criou uma persona excêntrica e extravagante, mantendo, no entanto, a sua vida privada num plano à parte. O seu primeiro grande êxito, “Hay Fever”, causou escândalo para a época, e muitos dos seus trabalhos de palco, como “Design for Living” e “Cavalcade”, viriam a ser adaptados para o cinema com grande sucesso.

“Vidas Íntimas”, escrito em 1930, é uma comédia rocambolesca sobre as relações amorosas. Num formato de comédia de costumes, que aparenta ser leve e superficial, esconde sob o véu da sátira social uma visão muito própria sobre as relações humanas. Os ex-amantes Elyot e Amanda são o par trágico desta visão mordaz e, talvez, melancólica sobre o amor e o desejo de conexão. No início da peça, ambos surgem casados de fresco, cada um em lua-de-mel com um novo parceiro. Pelo acaso que só o teatro consegue reproduzir, comemoram este novo momento da vida exactamente no mesmo hotel à beira-mar, numa estância turística no norte de França. Nos terraços de dois quartos contíguos, o reencontro entre ambos é inevitável, e as peripécias sucedem-se vertiginosamente neste cenário improvável, que desde o início ilumina o caminho para uma reflexão sobre a fatalidade do encontro entre os dois.



Coward, seguindo o código das comédias de costumes, que fazem uso da sátira para expor questões de classe e até para brincar com o próprio público, faz um uso exímio dos diálogos. As falas são rápidas, económicas, cheias de sarcasmo e de símbolos facilmente reconhecíveis para quem assiste, pois este é ele próprio alvo de chacota. A riqueza dos trejeitos de linguagem e maneirismos relega a ação física para um mínimo – tudo se passa no que é dito, e não no que se faz.

Mas o que poderia ser uma peça de simples carácter satírico ultrapassa as suas próprias fronteiras ao debruçar-se sobre a visão desiludida da natureza humana, dos anseios românticos e do próprio tempo. A peça reflete o período de entre-guerras, um tempo de mudança social e cultural, onde uma nova geração jovem – conhecida como “bright young things” – surge com uma atitude ousada e despreocupada. Estes jovens, mais abastados e com acesso a um nível de vida confortável, têm uma visão de mundo marcada pela busca de prazeres imediatos e pelo afastamento das tradições rígidas da geração anterior. O contexto histórico ajuda assim a enquadrar o papel da mulher que é explorado sem rodeios – Amanda é uma mulher independente, e a sua força e autonomia contrastam com a fragilidade de um sistema de valores já em decadência. Coward parte deste contexto social para reflectir uma certa inquietação e a desilusão com o amor romântico e busca de conexão. A genialidade da obra reside na dialéctica entre íntimo e privado, entre o status-quo coletivo e as impossibilidades do individual, e entre o que se mostra aos outros e o que se esconde.

TRADUÇÃO

Miguel Esteves Cardoso

DIREÇÃO

Filipe Abreu e Miguel Maia

INTERPRETAÇÃO

Elmano Sancho, Ivone Fernandes-Jesus,
Joana Cotrim, Miguel Maia, Salvador Nery

Direção Artística:
Filipe Abreu e Miguel Maia

Produção:
Beatriz Sousa e Lucila Clemente

Pré-produção:
Inês Achando

Comunicação:
Sónia Godinho

Assessoria de Imprensa:
Mafalda Simões

Fotografia:
Sónia Godinho

Design Gráfico:
Edoardo U. Trave

Vídeo:
Mário Jerónimo Negrão



Registo audiovisual:
James Newitt

Classificação etária do festim M/14

Para mais informações contactar:
companhia@cepatorta.org
(+351) 924 744 048

Programação completa em:
www.cepatorta.org/eng24

Créditos da imagem
© Edoardo U. Trave
edoardotrave.eut@gmail.com

 [estanoitegrita.se](https://www.facebook.com/estanoitegrita.se)
 [estanoitegrita.se](https://www.instagram.com/estanoitegrita.se)

Financiado por:



Apoios:



Parceiros:



Parceiro media:



esta noite GRITA-SE



VIDAS ÍNTIMAS

Noël Coward